

REVISTA DE  
DA

# História

BIBLIOTECA NACIONAL



## Getulio

Por que ele não sai de cena?

**Transplantes:** rejuvenesça com o Dr. Voronoff!

**A fome e a raiva:** escassez de alimentos ontem e hoje

**Luiz Gonzaga, o Rei do Pop**





## CARTA DO EDITOR

Figuras públicas, especialmente líderes políticos, tratam o futuro com uma solene devoção. Lapidam com esmero sua imagem diante do público porque suspeitam que o amanhã é caprichoso, capaz de arrasar sem piedade os equívocos, as fraquezas e as vacilações. Assim como enaltecer virtudes e conquistas.

Não resistem à precoce aventura de construir no presente a imagem que desejam ter no futuro com algumas armas potentes: biografias, arquivos, monumentos e fundações. Querem blindar o amanhã, mas mergulham em uma doce – e cara – ilusão.

Um dos personagens desenterrados sem descanso de nosso passado republicano, Getúlio Vargas chega a esta edição para mostrar a imprevisibilidade dos

caminhos da memória. O artigo de Marieta de Moraes Ferreira registra as diversas formas que assumiu a sua presença ao longo do último meio século.

Se esse personagem vive no terreno do mito, há realidades tangíveis assombrando os dias que correm ao redor do planeta. A alta dos preços dos alimentos e a redução das áreas de plantio para fins de subsistência têm motivado reações de massas populares, atropelando a linha tênue que as separa da fome extrema. Momento propício para lembrar episódios passados em que a desigualdade, a escravidão e a insensibilidade social empurravam turbas famélicas para a revolta. Os artigos de João José Reis, sobre os baianos contrários ao aumento do preço da farinha,

de Frederico Neves, com a triste história dos retirantes da seca cearense no século XIX, e de Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira, que põe em cena a França pré-revolucionária, flagram ao mesmo tempo o desespero e a capacidade de luta popular por direitos elementares.

Não importa para que lado se olhe em busca de um sentido para o destino – se para o futuro ou para o passado. Como se mostra adiante, historiadores e cientistas sociais conhecem uma regra elementar: ainda que cada tempo tenha suas contingências, é preciso saber construir a própria grandeza. E a pedra mais sólida para isso é feita de dignidade e respeito.

— LUCIANO FIGUEIREDO

## NESTE NÚMERO



### Boris Kossoy

Ele é uma referência na fotografia brasileira e mundial. Poderíamos estar falando do autor deste artigo; afinal, sua obra é tão importante quanto a de seu biografado, Hercule Florence. Professor livre-docente da USP e autor do *Dicionário Histórico-Fotográfico Brasileiro*, Boris mereceu recentemente uma exposição em sua homenagem. Nesta edição, ele revela como o viajante francês descobriu a fotografia no interior paulista.



### Suzi Frankl Sperber

Com uma luneta encantada, Simplicio conseguia saber quem era bom, mau ou apenas sensato. Professora livre-docente da Unicamp, autora de *Guimarães Rosa: Signo e Sentimento*, Suzi fez estágio de pós-doutorado na Universidade Ludwig Maximilian, em Munique, Alemanha. Aqui ela analisa o romance *A luneta mágica*, de Joaquim Manoel de Macedo, uma sátira sobre a conquista e o exercício da liberdade no Brasil imperial.



### Rafael Cardoso

Eles eram jovens, boêmios e artistas. Na convivência etílica nos cafés e teatros do início do século XX, mudaram a arte carioca. Doutor em História pela Universidade de Londres, Inglaterra, professor de Design da PUC-Rio e autor de *A arte brasileira em 25 quadros (1790-1930)*, Rafael Cardoso mostra como uma geração de jovens pintores, entre eles Helios Seelinger, oxigenou a sisuda arte acadêmica com a alma das ruas.

## REVISTA DE História DA BIBLIOTECA NACIONAL

### CONSELHO EDITORIAL

Alberto da Costa e Silva  
Caio César Boschi  
João José Reis  
José Murilo de Carvalho  
Laura de Mello e Souza  
Lília Moritz Schwarcz  
Luciano Figueiredo  
Marcos Sá Corrêa  
Marieta de Moraes Ferreira  
Ricardo Benzaquen  
Ronaldo Vainfas

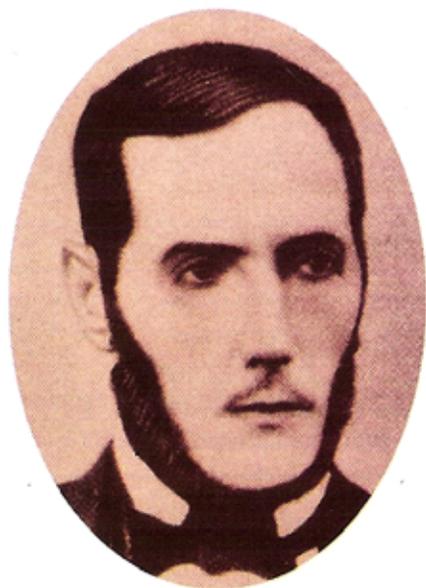
### REVISTA DE HISTÓRIA

Rua Debret, 23/1 306 - CEP: 20030-080  
Rio de Janeiro - RJ  
Telefone/fax: (21) 2220-4300/2240-9843  
www.revistadehistoria.com.br  
E-mail: revistadehistoria@revistadehistoria.com.br

Revista editada pela Sociedade  
de Amigos da Biblioteca Nacional



BORIS KOSSOY



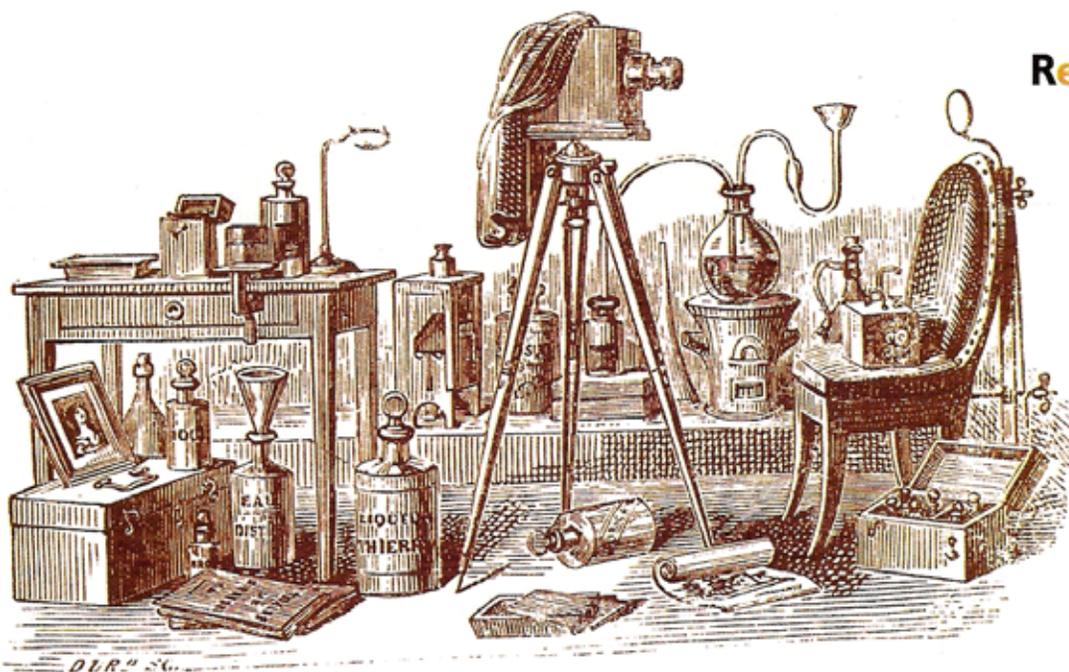
## Revelações à sombra

*Isolado das pesquisas feitas no resto do mundo, o francês Hercule Florence descobriu sozinho a fotografia no Brasil*

# N

ICE, 1824. O jovem Antoine Hercule Romuald Florence (1804-1879) alista-se como grumete na tripulação da fragata *Marie Thérèse*, que partiria rumo à América sob o comando do capitão Rosamel. Leitor entusiasmado de *Robinson Crusoé*, não havia lugar no globo para onde o jovem Florence não pretendesse ir algum dia. “O Mediterrâneo me parecia muito pequeno”, recordaria. No dia 1º de maio daquele ano, a fragata francesa aportava no Rio de Janeiro, onde permaneceu um mês antes de prosseguir viagem. Mas já sem Antoine, que se fixaria no Brasil por toda a vida.

Embora desde muito cedo demonstrasse talento como desenhista e pertencesse a uma família de



Florence foi um dos "múltiplos pais" da fotografia. No Brasil, fez descobertas fotoquímicas e desenvolveu um método alternativo de impressão. Na gravura, equipamento completo para daguerreotipia.

artistas, Florence nunca se dedicou ao estudo sistemático das artes plásticas. A falta de preparo formal não o impediu de se candidatar a uma grande aventura. Ao saber que o barão Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852), naturalista e médico alemão, procurava um desenhista para a expedição científica que pretendia empreender por via fluvial através de várias províncias do Brasil, Florence apresentou-se para o cargo. Acabou se tornando o responsável pelo relato completo da viagem, e pelos registros em desenhos, juntamente com Aimé Adrien Taunay (1803-1828).

Patrocinada pelo governo imperial da Rússia, a missão Langsdorff (1825-1829) foi uma das mais importantes a percorrer o interior do Brasil no século XIX. Mas acabou prejudicada por sucessivas tragédias. Taunay morreu afogado ao tentar atravessar o Rio Guaporé (ficando a iconografia exclusivamente a cargo de Florence). O barão Langsdorff foi vitimado por febres tropicais que comprometeram irreversivelmente sua sanidade mental, não sendo capaz de publicar os achados científicos. Por isso os resultados da missão não chegaram a ser divulgados nos grandes centros europeus.

Ao retornar da expedição, Florence casou-se com Maria Angélica, filha de Francisco Álvares Machado, importante político paulista, e fixou residência na pacata vila de São Carlos, atual Campinas. Foi nesse vilarejo, centro de produção de açúcar isolado das maiores cidades – e, como todo o país, alheio aos avanços industriais –, que deu início às suas pesquisas em diferentes campos. Aos poucos, constataria os entraves ao progresso que existiam no meio escravocrata em que vivia.

Ao finalizar um estudo sobre os sons emitidos pelos animais (*Zoophonie*), Florence vê-se impedido

de publicá-lo: não existiam oficinas impressoras na Província de São Paulo. Decide, então, criar seu próprio método de impressão, a *Poligraphie* – que, em suas palavras, “apresentava duas grandes vantagens... a tábua embebida de tinta uma única vez para toda a tiragem” e a “impressão simultânea de todas as cores”. Em relação ao método, observou que “estando num país onde não há tipografias, compreendi o quanto seria útil que esta, antes, fosse simplificada em seu aparelho e em seu processo, a fim de que todos pudessem imprimir quanto lhes fosse necessário”. Em 1832 já tinha aberto um pequeno negócio, oferecendo ao público seus “escritos e desenhos”, além de manter uma loja de tecidos.

*“Minha imaginação está plena de descobertas.  
Nenhuma alma me escuta, nem me compreenderia.  
Aqui só se dá valor ao ouro”*

Observando a perda de cor que sofriam os tecidos expostos à luz do sol e ciente das propriedades do nitrato de prata, Florence dedica-se então a experiências com a fotografia a partir de janeiro de 1833. Embora fascinado com a possibilidade de registrar as imagens do mundo exterior pela *camera obscura*, desvia o curso dessas investigações e aplica suas recentes descobertas fotoquímicas a um método alternativo de reprodução pela ação da luz. Utilizando pranchas matrizes de vidro, recobertas com uma massa feita de goma arábica e fuligem, Florence delineava seus desenhos e textos com o buril e os copiava por contato em papéis sensibilizados com cloreto de prata ou, preferencialmente, cloreto de ouro. As imagens eram obtidas pela longa exposição à luz do sol. Pesquisando preparados químicos que mantivessem suas có-

Na página seguinte, a afastada Vila de São Carlos, atual Campinas, onde Florence fez as suas incríveis descobertas, que, além de não terem incentivo no Brasil, ficaram anônimas até o século XX. Aquarela de Debret, 1820.

## Antes tarde do que nunca

Nos últimos anos, o nome de Hercule Florence vem aos poucos recebendo o devido reconhecimento, seja em seu país natal, seja no adotivo. A tese das "múltiplas paternidades" da fotografia ganhou importante reforço em 1988, em evento internacional promovido em Cerisy-la-Salle pelo Ministério da Cultura e da Comunicação da França. Na ocasião, Florence foi incluído no time dos inventores da fotografia, ao lado de Niépce, Daguerre, Fox Talbot e Bayard. Em 2005, "Ano do Brasil na

França", a cidade de Nice recebeu simbolicamente Florence, numa imaginária viagem de volta, 181 anos após sua partida. Um seminário especialmente preparado sobre o francês e sua obra teve lugar no Théâtre de la Photographie et de l'Image, órgão vinculado à prefeitura daquela cidade. Em Campinas, a Câmara Municipal criou em 2007 a "Semana da Fotografia Hercule Florence", que deve ocorrer todos os anos. A fotografia, enfim, vê reveladas as suas origens.

pias a cloreto de ouro inalteradas quando novamente expostas à luz, testou uma solução de água e urina (por causa do amoníaco presente em sua composição). Mais tarde, conseguiu tornar permanentes as cópias preparadas com cloreto de prata ao utilizar o amoníaco cáustico (hidróxido de amônia) como fixador.

Não há dúvida de que teve acesso às experiências de Carl W. Scheele (1742-1786), por meio da leitura dos trabalhos de Jöns Jacob Berzelius (1779-1848). Uma das obras fundamentais deste autor, *Traité de Chimie* (Tratado de Química), foi publicada na França exatamente no período em que Florence iniciava suas pesquisas com a fotografia. No livro, Berzelius trata dos sais de prata e de ouro e esclarece que o cloreto de prata se dissolve facilmente no amoníaco cáustico.

As impossibilidades de impressão motivaram Florence a desenvolver pesquisas explorando a natureza própria da fotografia, aplicando-a às artes gráficas. O objetivo era conseguir cópias seriadas de desenhos e de escritos a partir de uma única matriz. Em consonância com o espírito europeu do seu tempo, ele associava arte e indústria para obter séries dos mais variados "impressos" – como diplomas maçônicos, rótulos para produtos farmacêuticos e etiquetas para outras atividades do comércio.

A fotografia nasceu de investigações simultâneas de diferentes pesquisadores, em diferentes lugares, todos perseguindo um mesmo objetivo: registrar imagens. A invenção é resultante dos trabalhos de Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833), Louis-Jacques Mandé Daguerre (1787-1851), William Henry Fox Talbot (1800-1877), Hippolyte Bayard (1801-1887) e Hercule Florence, entre outros. Na Europa, os estudiosos contavam com melhores condições técnicas para suas experiências, mas todos se basearam em princípios da óptica e da química conhecidos havia muito tempo. Séculos antes da descoberta da fotografia, a *camera obscura* já era empregada por artistas e viajantes como instrumento auxiliar para o desenho. Era o ancestral da câmera fotográfica: compartimento fechado, um orifício de pequeno diâmetro por onde passam os raios de luz refletidos dos objetos externos, a projeção desses raios na parede oposta, produzindo imagens invertidas. Durante o século XVIII, com os avanços no campo da química, o uso de suportes fotossensíveis no interior da *camera obscura* resultou nas primeiras imagens fotográficas.

Mas o aperfeiçoamento técnico do método – e sua conseqüente expansão industrial – só poderia ocorrer em contextos totalmente diversos daquele em que Florence se encontrava no Brasil. Paradoxalmente, se o ambiente escravocrata e colonial de alguma forma estimulou o espírito inventivo de Florence a realizar experiências precursoras, a sociedade não alcançava a dimensão de seus achados.

Ao tomar conhecimento da descoberta da fotografia por Daguerre, Florence enviou comunicado à imprensa de São Paulo (*A Phenix*, 26/10/1839) e do Rio de Janeiro (*Jornal do Commercio*, 29/12/1839) declarando "não disputar nada a ninguém porque uma mesma idéia pode vir a duas pessoas", acrescentando que sempre considerou seus resultados precários. Mas coube a ele o emprego pioneiro do termo *photographie* – entre 1833 e 1834, pelo menos cinco anos antes que o vocábulo surgisse na Europa.

Na expedição Langsdorff, Florence registrou em seu diário tudo o que viu na viagem, e aprimorou seus desenhos com uma técnica de impressão, a Poligraphie, que reproduzia todas as cores. Na página seguinte, índio bororo em nanquim, 1827, e em poligrafia, 1830.





FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL



### Saiba Mais

AUGEL, Moema Parente. *Ludwig Riedel, viajante alemão no Brasil*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.

FLORENCE, Antoine Hercule R. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. São Paulo: Melhoramentos, 1941 (tradução de Alfredo d'Escagnolle Taunay). Outras edições da obra têm sido publicadas por diferentes editoras.

HARTMANIN, Thekla. *A contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros do século XIX*. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1975. (Etnologia 1)

SOUGEZ, Marie-Loup. *Historia de la fotografia*, 5ª ed. Madrid: Cátedra, 1994.

As diferentes invenções da fotografia revolucionaram a maneira de representar a realidade e assustaram os artistas, que temiam "a morte da pintura". Daguerreótipo do chafariz do Mestre Valentim, 1840, atribuído a Comte.

Isolado no interior da Província de São Paulo, desprovido dos mínimos recursos tecnológicos e até mesmo de interlocutores que compreendessem ou valorizassem suas realizações, Florence abandonou os estudos de fotografia e prosseguiu no aperfeiçoamento de seus outros métodos de impressão, em especial a poligrafia. Sentia-se como um "inventor no exílio". Suas duas maiores realizações – a coleção de desenhos da Expedição Langsdorff e a descoberta de um processo fotográfico – ocorreram antes dos 30 anos de idade. Ambas se viram mergulhadas na sombra, uma realidade melancólica que Florence tentava assimilar:

*Em um século em que se recompensa o talento, a Providência me trouxe a um país onde isso não importa. Sofro os horrores da miséria, e minha imaginação está plena de descobertas. Nenhuma alma me escuta, nem me compreenderia. Aqui só se dá valor ao ouro. Só se ocupam de política, de comércio, açúcar e carne humana. Sem dúvida conheço almas grandes e belas, mas essas, em número muito reduzido, não têm formação na minha linguagem e eu respeito sua ignorância.*

As investigações pioneiras de Florence não modificaram em nada o desenvolvimento da fotografia, mas acrescentaram um fato novo à história do invento. Posturas conservadoras seguem repetindo versões oficiais que remetem ao rodapé as realizações que não se "consagraram". A questão não é só cultural, mas também ideológica. A obra de Florence demonstra que inventividade e inteligência não são

atributos restritos a certos limites geográficos. Décadas antes do anúncio oficial da descoberta de Daguerre, em qualquer lugar onde um pesquisador realmente determinado se encontrasse, por mais "exótico" e "incivilizado" que fosse, ele poderia descobrir um processo fotográfico.

As febres tropicais que roubaram a razão do barão Langsdorff anularam um futuro que poderia ser promissor para Hercule Florence. Retornando à Rússia, o chefe da expedição teria certamente publicado os resultados científicos, bem como a preciosa coleção iconográfica. Ainda assim, os desenhos de Florence conquistariam gradativo reconhecimento, ainda que póstumo, a partir do final do século XIX. Pelo extremo rigor no registro da natureza e dos índios, têm até hoje valor inestimável para estudos antropológicos e etnográficos.

Quanto à sua descoberta fotográfica, esta passou despercebida por aqui, mantendo-se praticamente ignorada por cerca de 140 anos. Somente em 1976, uma apresentação internacional – no III Photo-History Symposium, em Nova York – começaria a conceder ao inventivo francês seu lugar na história da fotografia. **H**



**BORIS KOSSOY** É PROFESSOR TITULAR DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E AUTOR DO LIVRO *HERCULE FLORENCE, A DESCOBERTA ISOLADA DA FOTOGRAFIA NO BRASIL*. 3ª ED. REVISTA E AMPLIADA. (SÃO PAULO: EDUSP, 2006).